

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15153 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

EDUCAÇÃO, ESPANTO E PRÁXIS DIALÓGICA

Rodinei Balbinot - UPF - Universidade de Passo Fundo

EDUCAÇÃO, ESPANTO E PRÁXIS DIALÓGICA

RESUMO: A pesquisa, ora em andamento, de caráter bibliográfico e cunho hermenêutico, pretende investigar o espanto e a práxis dialógica, desde a perspectiva educacional. Guiamo-nos pelo seguinte problema: em que medida o espanto eleva a habitualidade da educação à condição reflexiva e põe em movimento a práxis dialógica, desdobrando-se em exercício formativo de pronúncia-escuta-pergunta-resposta? A hipótese é que os sentidos da habitualidade são elevados a uma situação de reflexão pelo espanto, desencadeando a partir daí o processo pedagógico-formativo da práxis dialógica. Organizamos a pesquisa em três partes: na primeira, tematizamos o sentido pedagógico da habitualidade, tomando como referência o filósofo H-G Gadamer e o educador Elli Benincá; na segunda, analisamos como a fusão consciência-mundo própria da habitualidade sofre o páthos do espanto, que a eleva a uma situação pedagógica; na terceira, pretendemos investigar o potencial pedagógico-formativo do exercício da pronúncia-escuta-pergunta-resposta.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Espanto. Formação. Práxis dialógica.

A forma mais originária com a qual nos envolvemos com a educação mostra que ela não é um processo necessariamente reflexivo. Mais do que isso, ela se desdobra como um fenômeno acoplado à existência e fundido com o acontecer espontâneo da vida, de modo a não ser possível discernir se nos envolvemos com a educação ou é ela que nos envolve (Brandão, 2006). Ao que parece, a educação é um componente intrínseco da própria condição humana (Kant, 2002). No fenômeno educativo estaria, então, tanto o substrato da nossa existência na linguagem (Gadamer, 2002a) como o pano de fundo para o acontecer pedagógico (Benincá, 2010). No interior desta questão é que encontramos o problema da pesquisa ora em andamento, qual seja: em que medida o espanto eleva a condição humana da educação a uma situação reflexiva e põe em movimento a práxis dialógica, desdobrando-se em exercício formativo de pronúncia-escuta-pergunta-resposta? A hipótese é que os sentidos acomodados em nossa existência são elevados a uma situação de reflexão pelo espanto, que faz estranhar o sentido do habitual e põe em movimento o exercício dialético pronúncia-escuta-pergunta-resposta, configurando-se aí o processo pedagógico-formativo sempre aberto da práxis dialógica. A seguir, apresentamos o processo da pesquisa e seus resultados parciais, considerando, em primeiro lugar, o sentido pedagógico da habitualidade, a partir de H-G Gadamer e Elli Benincá; em seguida, abordamos a forma como o espanto quebra a fusão consciência-mundo e a eleva a uma condição de questionamento para, então, investigar o

potencial pedagógico-formativo do exercício da pronúncia-escuta-pergunta-resposta.

Gadamer e Benincá, por caminhos aparentemente distintos – o primeiro pela práxis hermenêutica e o segundo pela práxis pedagógica – atingem a incidência dos sentidos da habitualidade nos processos de formação humana. Até o momento, três aspectos se mostram relevantes na pesquisa: 1. a condição humana da linguagem e a espontaneidade da educação; 2. a fusão consciência-mundo e a elevação do habitual ao questionado pelo páthos do espanto; 3. o movimento dialético da linguagem como aspecto formativo no exercício da pronúncia-escuta-pergunta-resposta.

Benincá (2010, p. 80) diz que à “medida que a criança constrói o sentido do agir humano, constrói sua consciência, que é o seu conhecimento, sua cultura e sua educação”. Essa construção se dá nas experiências que a criança tem com o mundo. A criança vive as experiências sem se preocupar em pensar sobre elas. A partir dos sentidos, que formam a sua consciência, a criança passa a interpretar o mundo e, sem questioná-lo, toma o que apreende como real e verdadeiro. Por isso, Gadamer chega a dizer que “em todos os nossos pensamentos e conhecimentos sempre já fomos precedidos pela interpretação do mundo feita na linguagem, e essa progressiva integração no mundo chama-se *crescer*” (2002b, p. 178). Crescemos, portanto, na linguagem, no interior de uma tradição, formando e reconstruindo sentidos. Mas isso não significa que o fazemos de modo reflexivo. Antes, parece que o fazemos sem pensar e isso revela que a condição originária da educação já está na linguagem e se desenvolve espontaneamente.

Parece assertivo dizer, e esse é o segundo aspecto, que, neste estado mais originário há uma fusão consciência-mundo. O saber que fica em nós da vida é tácito e não reclama um dizer coerente e sistemático. Como diz Benincá (2010, p. 81-82), “a consciência prática, por agir de forma espontânea, escapa com muita facilidade à observação, à análise e à crítica”. Aquilo que Benincá chama de consciência prática comporta as intencionalidades de mundo que os sentidos que retemos das experiências contêm. Esses sentidos estão de tal modo submersos, que se confundem com a verdade e dispensam qualquer tipo de questionamento; embora orientem nosso estar no mundo. Gadamer chega mesmo a considerar que “o que então se mostra como o modo de compreender mais elevado e mais íntimo é justamente a compreensão tácita e silenciosa” (2002a, p. 216-217). O ser humano estaria condenado a viver imerso na habitualidade, preso aos sentidos que se formam por suas experiências de mundo? A questão é que esses sentidos estão sempre abertos e, assim, há sempre a possibilidade do estranhamento pelo espanto, capaz de elevá-los a uma condição de questionamento. Tomamos o espanto, assim, como aquele estado de espírito capaz de provocar assombro em relação ao próprio habitual e nos elevar a uma condição de reflexão, na qual passamos a questionar os sentidos antes acomodados em nossa consciência. Ele pode acontecer na experiência paralisante, que nos deixa sem palavras, assim como na situação em que o habitual é posto em questionamento. Em ambos os casos, o espanto se desdobra na dialética de perguntas e respostas (Gadamer, 2002a), tomando o próprio habitual em questão. É neste ponto que a práxis dialógica assume uma função pedagógico-formativa fundamental.

A experiência de ficar sem palavras ou de estar diante de um questionamento que remexe a consciência, evoca mais que uma situação de interrogatório na qual fazemos ou respondemos perguntas. Suspeitamos que a experiência do espanto contém o gérmen da práxis dialógica, que se desenvolve no exercício formativo da pronúncia-escuta-pergunta-resposta. Gadamer tem duas expressões fortes a respeito da condição dialógica de linguagem. Para ele, “a capacidade para o diálogo é um atributo natural do ser humano”; e, ainda, “a linguagem apenas se dá no diálogo” (2002b, p. 243). Benincá, na mesma trilha, indica que “quem pronuncia a palavra pronuncia-se a si mesmo; mostra sua intimidade; revela o seu interior, isto é, revela o que foi gerado e o que cresce dentro de si” (2010, p. 110). Essas afirmações suportam mais que a caracterização de uma situação de trocas pela fala. Elas carregam a potencialidade do espanto, à medida que “esse caráter de linguagem forma a base de todo perguntar” (Gadamer, 2002a, 393) e provoca uma dialética sempre aberta de pronúncia-escuta, pergunta-resposta. Não há quem fale se não houver quem escuta, daí que escutar não seja apenas uma ação sensorial ou funcional, senão uma questão já presente na condição dialógica da linguagem, na qual vive o ser humano, assim como o perguntar e o responder. O diálogo, assim, é o acontecer dialético da pronúncia-escuta-pergunta-resposta. O exercício do diálogo, que pode compor a proposta pedagógica, possibilita aos sujeitos pôr à luz os sentidos que guardam dentro de si pela pronúncia, gerando, na alternância de pronúncia-escuta, silêncio-fala, pergunta-resposta, a práxis dialógica. Práxis esta que, de acordo com Benincá (2010, p. 247), “requer a ação da consciência consciente, e, neste caso, conduz à reflexão”. Deste modo, no interior da práxis, compreender “não deve ser concebido como uma simples atividade da consciência compreensiva, mas como um modo de acontecer do próprio ser” (Gadamer, 2002b, p. 151). É no acontecer da práxis que os sujeitos descobrem os sentidos naturalizados na consciência. No dizer de Benincá (2010, p. 84), os sentidos “são a própria consciência; percebendo-os, a consciência descobre o cotidiano que vive e que considera natural”.

Como essa pesquisa está em andamento, apresentamos agora, ao mesmo tempo, achados provisórios e perguntas que mantêm os horizontes abertos. 1. as primeiras experiências que realizamos do mundo já se dão no interior da linguagem, numa tradição aberta de sentidos que nos orientam a ser no mundo, compondo o que chamamos de educação originária. Como esses sentidos se formam no acontecer da existência, não exigem, necessariamente, uma postura reflexiva, embora, pelo que vimos de Gadamer, já se desenrolam na linguagem como diálogo. Disso resultaria, então, que a educação, a linguagem e o diálogo têm caráter espontâneo e, ao mesmo tempo, suportam o espanto que põe em movimento o questionamento reflexivo? 2. Sendo que os sentidos estão em nosso interior e vêm à luz pela pronúncia, mas não de uma só vez e nem em sua totalidade, o caminho de uma educação formadora seria o exercício aberto da pronúncia-escuta-pergunta-resposta? Como se desenrola esse exercício na viva conversação cotidiana e, mais especificamente, na relação educador-educandos em sala de aula?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENINCÁ, E. **Educação: praxis e ressignificação pedagógica**. Passo Fundo: UPF Editora, 2010. p. 22-34. (Seleção e Organização: Eldon Henrique Mühl).

BRANDÃO, C.R. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

GADAMER, H-G. **Verdade e método I**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 6ª. Edição. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2002a.

_____. **Verdade e método II**. Complementos e índice. 2ª. Edição. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2002b.

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. 3 ed. Editora UNIMEP, 2002.